



Vídeos com mentiras sobre Lula e Bolsonaro viralizam. Objetivo da desinformação é tirar votos um do outro, chocar e causar repulsa

Guerra suja atíça a militância nas redes

Redes sociais



Vídeo que circulou trouxe suposto satanista dizendo que Lula era como ele

Redes sociais



Mentira sobre a relação de Bolsonaro com a maçonaria inundou a web

Com a definição do segundo turno da eleição presidencial entre Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL), mentiras ou informações fora de contexto sobre a religião de ambos começaram a circular com mais força nas redes sociais. Um vídeo do presidente da República em uma loja maçônica serve de munição para que apoiadores do petista tentem enfraquecer o candidato à reeleição diante dos eleitores evangélicos. Do outro lado, bolsonaristas compartilham fake news associando Lula a um suposto "pacto com o diabo" e ao satanismo, também tentando intensificar a rejeição ao petista junto aos pentecostais.

Apoiadores de Lula chegaram a se "disfarçar" de defensores de Bolsonaro no Twitter para dizer que não irão mais votar no presidente. "Estou tão triste com Bolsonaro, brincando com a nossa fé cristã. Que decepção", publicou um usuário que, agora, usa elementos da iconografia bolsonarista em seu perfil, como o número 22, uma arma disparando e uma bandeira do Brasil, mas publicou que "a volta de Lula era o mundo voltando ao eixo" uma semana antes da eleição.

Na noite de ontem, o deputado federal André Janones (Avante-MG), aliado de Lula, fez uma live na frente ao Tempo de Salomão, no Brás, na capital paulista, em que diz que Bolsonaro poderia estar ligado a "rituais satânicos". "A gente não sabe o que Bolsonaro negociou na maçonaria para apoiarem ele. Não posso garantir que ele não negociou em nome dos próprios eleitores. Se no pacto que ele fez, envolveu o nome dos eleitores. Quem é cristão de verdade não dá para caminhar junto com a maçonaria. Lamento que Bolsonaro tenha cedido a essas práticas de bode, de sangue, não sei do que, negociado em nome dos seus próprios eleitores para fazer esse pacto pela vitória", provocou.

Em páginas bolsonaristas no Telegram, aplicativo de mensagens russo, usuários também disseram estar "arrepentidos" após ver o vídeo do presidente em uma loja maçônica. Outros membros os acusam de serem petistas infiltrados para manipular a opinião pública.

Religiosidade

Desde o primeiro dia oficial de campanha, em agosto, a disputa entre Bolsonaro e Lula gira em torno de temas religiosos. O presidente, por exemplo, costuma chamar a eleição de "luta do bem contra o mal" e criticar o que chama de "fechamento de igrejas" na pandemia de covid-19,

reforçando a pauta religiosa da sua campanha. Já o petista acusa o adversário de tentar manipular a boa-fé de evangélicos e chegou a declarar que o presidente é "possuído pelo demônio".

É comum, também, que bolsonaristas evoquem a situação

de Nicarágua, compartilhando relatos sobre a prisão de religiosos naquele país e lembrando que Lula já fez acenos ao ditador Daniel Ortega. Pesquisas eleitorais mostram que os evangélicos representam um dos segmentos mais fortes da base eleitoral

do presidente. A primeira-dama Michelle Bolsonaro chegou a dizer que o Palácio do Planalto estava consagrado a "demônios" antes da eleição do marido.

No vídeo que circula nas redes sociais após o primeiro turno das eleições, Bolsonaro faz um discurso sobre pautas de costumes e combate à corrupção em uma loja da Maçonaria. O vídeo que viralizou nos últimos dias aparenta ter sido gravado antes da campanha eleitoral de 2018.

Quanto a Lula, as tentativas de associá-lo ao "diabo" e ao fechamento de igrejas fizeram o PT lançar um esclarecimento público sobre as crenças pessoais do ex-presidente. Intitulado *A verdade sobre Lula e o satanismo*, um artigo no site do candidato reforça que ele não tem relação com "luciferianos ateístas", como diz uma fake news que circula na internet.

"A verdade, como já repetimos antes, é que Lula é cristão, católico, crismado, casado e frequentador da igreja. Lula não tem pacto nem jamais conversou com o diabo", destaca.

O ministro Paulo de Tarso Vieira Sanseverino, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), determinou a remoção de 31 publicações que associam Lula à perseguição de cristãos e à invasão de igrejas. A decisão foi publicada no último domingo e atinge os perfis dos filhos do presidente, o senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ) e o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP); o secretário da Cultura Mário Frias (PL), eleito deputado federal por São Paulo; o assessor do presidente, Filipe Martins, e outros apoiadores de Bolsonaro.

"Atenção evangélicos! Lula continua a dizer asneiras. Diz ele que pastor não acredita em Deus. Acredita em Deus quem apoia ele, por acaso? Ele defende aborto, diz que a família tradicional é coisa atrasada, apoia governos ateístas que perseguem cristãos e etc.", diz uma das publicações impugnadas. O mesmo conteúdo foi compartilhado pelo pastor Silas Malafaia, conselheiro do presidente, mas o post do evangélico não entrou na lista da decisão.

Sanseverino entendeu que as publicações disseminam "informação sabidamente falsa" e ofensiva à honra do candidato petista. O ministro destacou que o conteúdo "foi divulgado no período crítico do processo eleitoral, em perfil com alto número de seguidores, de forma a gerar elevado número de visualizações, o que possibilita, em tese, a ocorrência de repercussão negativa de difícil reparação na imagem do partido político e do candidato atingidos pela desinformação".

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Maurenilson Freire



2º turno entre Lula e Bolsonaro não é nova eleição

É um lugar comum nas campanhas eleitorais, principalmente de quem está perdendo, a tese de que o segundo turno é uma nova eleição. Há controvérsias. As forças em movimento são as mesmas, porém, os dois primeiros colocados operam forte atração sobre as demais, por expectativa de poder, motivação ideológica e/ou emocional. Isso provoca o realinhamento eleitoral, cuja resultante será a formação de uma maioria de votos válidos, que garante a consagração inequívoca do presidente eleito.

A eventual mudança de posição entre os dois candidatos é resultado da inércia da primeira votação e da eventualidade de o líder não se dar conta de que a sua estratégia está sendo superada pelo segundo colocado. Estamos falando do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do presidente Jair Bolsonaro (PL), obviamente. O que ocorreu na reta final do primeiro turno, por isso, gera uma força de inércia que pode resultar numa troca de posições.

Na última semana da eleição, Lula perdeu posições e Bolsonaro avançou. Mais do que frustrar a expectativa petista de vitória no primeiro turno, o resultado da votação de domingo embalou a campanha de Bolsonaro e gerou perplexidade na campanha de Lula, ainda que ninguém queira passar recibo do que aconteceu. Com 96,93% das urnas apuradas, Bolsonaro recebeu 43,70% dos votos válidos, enquanto o Lula teve 47,85% dos sufrágios. Os candidatos Simone Tebet (MDB) e Ciro Gomes (PDT) obtiveram, respectivamente, 4,22% e 3,06% dos votos válidos.

Um bom exemplo dessa expectativa é a fotografia da manifestação petista na Avenida Paulista, no dia da eleição, com Lula ao lado da esposa Janja; da ex-presidente Dilma Rousseff; da presidente do PT, Gleisi Hoffman; do ex-senador Aloizio Mercadante e do seu vice, Geraldo Alckmin, quase um estranho no ninho. Era uma espécie de "Lula é meu e ninguém tasca", armado na expectativa de que a eleição estava decidida. Entretanto, o resultado do primeiro turno exigia que o palanque fosse muito mais amplo.

Lembrei-me de certa passagem do romance *Vida e Destino* (Alfaguara), do escritor judeu ucraniano Vasili Grosman, que foi correspondente de guerra na Batalha de Stalingrado, na Segunda Guerra Mundial. A publicação do livro esteve proibida durante muito tempo e seu autor chegou a ser preso por causa dele. Grosman relata a experiência de guerra, os absurdos de seus efeitos sobre a vida das pessoas, com toda a inversão de valores que acarretou. Realista, mostra os bastidores da batalha no partido e na antiga sociedade soviética. É uma descrição impressionante de como a resistência ao invasor alemão se transformou numa guerra patriótica, na qual o protagonismo popular foi decisivo na frente de batalha. Mas também desnuda o comportamento do aparelho partidário, que se recolhe à retaguarda e, no momento de virada da guerra, opera para colher os louros da vitória.

O palanque de Lula no domingo refletiu uma falsa expectativa, na qual não se levou em conta que a onda do voto útil havia se esgotado e fora protagonizada por formadores de opinião que já estavam no campo da esquerda. O alarido e a agressividade da campanha, porém, provocaram o voto útil reverso dos eleitores anti-petistas, que não desejavam votar em Bolsonaro, mas o preferem em relação a Lula.

É aí que mora o perigo de virada eleitoral logo no começo do segundo turno, porque a inércia desse movimento silencioso pode não ter se esgotado no dia da votação.

Alianças

O PT movimentou em direção ao centro com dificuldades. Lula recebeu o apoio do PDT, com a aquiescência de Ciro Gomes, e do Cidadania, liderado por Roberto Freire, ambos duros desafetos, que ontem anunciaram formalmente o apoio a Lula no segundo turno. Esses posicionamentos decorrem de um claro posicionamento contra Bolsonaro e não de uma negociação de ambos com o petista. Lula espera obter o apoio de Simone Tebet, a candidata do MDB, com quem deve se encontrar para tratar dos termos do apoio. No dia da eleição, a senadora anunciou que não iria se omitir e aguardava um posicionamento firme do partido.

O deputado Baleia Rossi (SP), o presidente da legenda, que bancou sua candidatura, porém, deve anunciar a neutralidade do MDB. Houve uma forte mudança na composição da bancada, que passou a contar com maior participação de parlamentares bolsonaristas eleitos no Sul, Sudeste e Centro-Oeste, em contraponto aos representantes do Norte e Nordeste, aliados de primeira hora de Lula.

O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), no domingo anunciou seu apoio a Bolsonaro, que ontem recebeu a adesão do governador de Minas, Romeu Zema (Novo), que o visitou no Alvorada. Ele ficou neutro no primeiro turno, apesar de Lula apoiar o ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PSD).

O governador de São Paulo, Rodrigo Garcia, que ficou fora do segundo turno, fechou o cerco ao anunciar, ontem, o apoio a Bolsonaro. O PSDB paulista apoiará Tarcísio de Freitas (Republicanos), candidato do presidente em São Paulo, mesmo tendo ele declarado que não deseja o apoio de Garcia.

Horário eleitoral recomeça na 6ª feira

» ALINE GOUVEIA

O horário eleitoral nas emissoras de rádio e televisão, para o segundo turno das eleições presidenciais e para governador, terá início nesta sexta-feira. A regras manterão a isonomia entre os postulantes à Presidência da República e aos estados — o tempo de propaganda será dividido igualmente entre os adversários.

Para presidente, a propaganda será transmitida na tevê de segunda à sábado, das 13h às 13h10 e das 20h30 às 20h40. No rádio, o horário será de 7h às 7h10 e de 12h às 12h10. Conforme prevê o artigo 62 da Resolução 23.610/2019 do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o candidato que obteve a maior votação no primeiro turno se apresentará primeiro ao eleitor nos canais de divulgação.

Isso representa que a propaganda do presidencial Luiz

Inácio Lula da Silva vai ao ar antes da que apresenta Jair Bolsonaro (PL). O petista obteve 48,43% dos votos válidos contra 43,20% do presidente da República.

Nos estados, a propaganda será veiculada das 7h10 às 7h20 e das 12h10 às 12h20 no rádio. Na tevê, o horário eleitoral será das 13h10 às 13h20 e das 20h40 às 20h50.

"Além disso, as emissoras devem reservar, de segunda a domingo, 25 minutos para cada cargo em disputa para veiculação das inserções de 30 e 60 segundos ao longo da programação", salienta o TSE.

A propaganda para o segundo turno terminará em 28 de outubro e a votação ocorre no dia 30 — 8h às 17h, pelo horário de Brasília. A divulgação da apuração dos votos começa logo após o fechamento das urnas. Todos os brasileiros alfabetizados, entre 18 e 70 anos, são obrigados a votar. O pleito é facultativo apenas para quem tem entre

Ed Alves/CB/D.A Press



Segundo turno das eleições para presidente e governadores é dia 30

16 e 18 anos, pessoas com mais de 70 anos e analfabetos.

Para o segundo turno, o Especial de Eleições do Correio Braziliense continua no ar, destacando toda a cobertura da disputa

presidencial e dos governos estaduais. Siga no Twitter (@correio), Facebook, Instagram (correio.braziliense) e YouTube para se manter atualizado sobre tudo o que acontece nas eleições 2022.